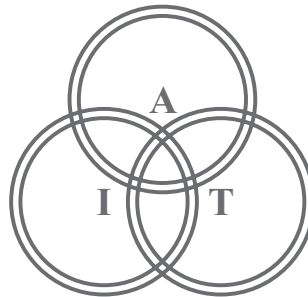




VALIDADE NA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA: A INTERAÇÃO CÍCLICA DE AUTOR, TEXTO E INTÉRPRETE – UMA RESPOSTA REFORMADA PARA UMA HERMENÊUTICA PÓS-MODERNA

*Jorge Patrocínio**

*“Uma coisa é compreender o texto... mais profundamente e mais
criativamente, e uma outra coisa é compreendê-lo corretamente”
(E. C. Thielson).*



RESUMO

O presente artigo procura estudar a seguinte questão na hermenêutica bíblica: validade na interpretação ou interpretação válida? Ficará evidente no estudo que as duas expressões são na verdade o resumo de duas plataformas hermenêuticas; a saber, a plataforma reformada, que honra o texto por não permitir que o intérprete faça o que a sua habilidade e técnicas hermenêuticas permitem, ignorando regras impostas pelo texto e pelo próprio escritor; e a

* Jorge Luiz Patrocínio é ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Bacharelou-se em teologia no Seminário Presbiteriano Rev. Denoel Nicodemos Eller (Belo Horizonte). Fez mestrado e doutorado (em andamento) em Teologia Histórica, com concentração em Estudos da Reforma Protestante, no Seminário Concordia, em Saint Louis, EUA. Está assumindo o pastorado titular da Igreja Presbiteriana de Aracruz (ES).





plataforma pós-moderna, que garante ao intérprete a supremacia na busca da validação de sua própria experiência, com a relativização do conteúdo e da verdade bíblica. Não é intenção do artigo navegar nas águas profundas da hermenêutica e levantar questões que tornem o assunto extenso e cansativo. Pelo contrário, o objetivo aqui é fechar o círculo em torno da questão hermenêutica que considera se é possível ou não ter validade na interpretação. Será mencionada, entre outras interpretações pós-modernas, a de Schleiermacher, que procura honrar o intérprete ao promover a anulação do escritor. Neste aspecto, a diferenciação entre sentido (*meaning*) e significado (*significance*) feita por Eric Hirsch é fundamental para se manter o equilíbrio na validade da interpretação, fazendo justiça a ambos – escritor e leitor. Por fim, será oferecido o ponto de vista de que os escritos bíblicos se encontram numa posição diferenciada, visto que as Escrituras são a obra de dois autores – divino e humano – e que o “autor” que a revelou ao escritor é o mesmo que a inspira ao intérprete. Esse fio de prata mantém o equilíbrio entre autor, texto e intérprete. Para essa plataforma, são usados dois textos relevantes, a saber, *Introduction to Biblical Interpretation*, de William Klein, e *What Does This Mean? Principles of Biblical Interpretation in the Post-Modern World*, de James Voelz. O artigo é concluído com cinco sugestões para fazermos da validade na interpretação algo atingível para nós.

PALAVRAS-CHAVE

Interpretação; Escrituras; Espírito Santo; Validade; Hermenêutica; Comunidade.

INTRODUÇÃO

O site *Hollywood Jesus*, com o seu slogan “Cultura pop de um ponto de vista espiritual”,¹ advoga para si a originalidade de analisar os filmes americanos desde uma perspectiva cristã. Curiosamente, outros sites cristãos têm recorrido ao site *Hollywood Jesus* para usar a técnica hermenêutica de fazer uma conexão entre filmes seculares e evangelismo pessoal. Dois desses filmes têm recebido grande destaque devido à sua repercussão de âmbito mundial: “À Espera de um Milagre”, estrelado por Tom Hanks e dirigido por Frank Darabont, e a trilogia “Matrix”. Pelo menos um desses sites advoga tomar como base a teoria de Don Richardson chamada “analogia redentiva”,² definida em seu livro *The Eternity in Their Heart*, traduzido para o português com o título *O Fator Melquisedeque*. Segundo Richardson, incrustadas numa cultura geralmente existem práticas que podem ser usadas para pregar o evangelho. Vejamos o testemunho de alguns desses sites:

¹ Ver: <http://www.hollywoodjesus.com/passion.htm>

² RICHARDSON, Don. *The eternity in their heart*. California: Regal Books, 1984, p. 59.





Vivendo numa cultura pós-moderna pós-cristã, precisamos usar métodos de evangelismo. O site Hollywood Jesus está usando precisamente esta técnica para extrair significado de filmes atuais. É claro, você não precisa vasculhar muito profundamente o filme de Tom Hanks, *À Espera de um Milagre* – ele é mais do que uma alegoria! Que Deus possa usá-lo para trazer muitas pessoas a ele. Nós cremos que usar paralelos com a verdade secular é uma das peças principais do uso da internet para o evangelismo.³

Vejo que Matrix... é um conceito extraordinariamente útil. Ajuda-nos a compreender onde alguém (ou um grupo de pessoas) está espiritualmente e as diferentes estratégias que podem ser usadas para alcançá-lo. Também nos ajuda a entender e validar diferentes tipos de evangelismo.⁴

No entanto, a discrepância entre a intenção do autor⁵ e a conclusão do intérprete⁶ no paralelo com esses filmes inevitavelmente levanta questões sobre a validade na interpretação e nos empurra para duas (ou três) avenidas extremas e opostas nas quais o autor-texto controla o intérprete ou vice-versa.

Na primeira possibilidade, ou presuposição A, isto é, o autor-texto controla o intérprete, corre-se o risco de fazer do texto um cadáver em função de se buscar “o” significado. Esta técnica é bem representada pela teoria desconstrucionista⁷ e pela teoria da alienação-distanciamento de Gadamer,⁸ na qual o intérprete é totalmente anulado e o texto é guindado para fora de seu contexto e desembrulhado dentro do contexto do intérprete. Um exemplo disso pode ser ilustrado pela proibição de algumas denominações de que as mulheres usem calça esporte, com base em Deuteronômio 22:5: “A mulher não usará roupa

³ Ver: <http://guide.gospelcom.net/resources/redemptive.php>

⁴ Ver: <http://guide.gospelcom.net/resources/webull05may2.php>

⁵ Frank Darabont, diretor do filme *À Espera de um Milagre*, disse em uma entrevista que ele não teve nenhuma intenção de fazer tal paralelo. (<http://thegreenmile.warnerbros.com/cmp/filmmakers-fr.html>)

⁶ O consultor de ministérios da mocidade da Igreja Unida da Austrália acredita ter encontrado uma forma útil e poderosa de fazer evangelismo jovem através do paralelo entre o filme *À Espera de um Milagre* e a obra de Jesus. Veja o que ele afirma: “É um grande veículo para promover discussões sobre a fé!” (Minha tradução). Disponível em: <http://local.sa.uca.org.au/youth/resources/movies/greenmile.htm>.

⁷ OSBORNE, Grant R. Genre criticism: sensus litteralis. *Trinity Journal*, Vol. 4, 1983, p. 23. Michael Beajour diz que “a situação ontológica exige a superação de gêneros que trivializam a essência da escrita e dessacralizam o seu objetivo”. Em outras palavras, o sentido pretendido não pode ser descoberto visto ser infinito; quando o sentido é absolutizado, os próprios sinais se tornam instáveis e o gênero se torna questionável. O desaparecimento de limites remove qualquer possibilidade de decifrar o sentido original.

⁸ *Ibid*, p. 3. Gadamer afirma que o sentido é parte da “alienação-distanciamento” que caracteriza a reflexão humana e só pode tornar-se experiência quando os dois horizontes do passado e do presente se fundem e se reconhece a autonomia última do texto.





de homem”. No entanto, as pessoas dessas igrejas não têm o mesmo cuidado, ao construir uma casa, de fazer um parapeito no terraço para evitar acidentes, como orienta o versículo 8. Assim sendo, apesar de ambas as determinações estarem no mesmo texto, apenas uma é desembrulhada dentro do contexto atual do intérprete e, além disso, sem que se faça uma análise cultural de tempo e costumes. Essa pressuposição está mais inclinada ao literalismo da escola de Antioquia.

Na interpretação B, isto é, o intérprete controla o autor-texto, ignora-se o significado original ou o significado do author. O resultado neste caso é que dois intérpretes podem fazer interpretações diferentes e até mesmo contraditórias, e chegarem a conclusões de “verdade” em ambas as interpretações. Isto é o que Eric Hirsch chama de “historicismo radical”.⁹ Esta é também uma versão atualizada da teoria da práxis generativa de Paul Ricoeur, que permite ao leitor produzir um trabalho individual à parte do texto.¹⁰ De igual modo, na exegese bíblica, Rudolf Bultmann mantém que o significado da Bíblia é na verdade uma nova revelação para cada geração seguinte porque “revelação é um ato de Deus, *uma ocorrência* (grifo do autor), e não uma comunicação sobrenatural do conhecimento”.¹¹ Neste caso, a desmitologização dos textos, dissecando-os e transformando a revelação em mito e a informação em história e fábulas, se torna indispensável na interpretação. Essa pressuposição está mais inclinada para a escola de Alexandria e seu método alegórico de interpretação.

Umberto Eco a chama de “teoria contemporânea”, na qual o ato de escrever é tomado como um exemplo supremo de semiose e cada texto escrito é visto como uma máquina que produz um *atraso* indefinido na interpretação. “A linguagem”, ele destaca, “sempre diz mais do que o seu significado literal inalcançável que se perde já no momento em que se termina de escrever”.¹² É com isto em mente que Susan Suleiman afirma que “o significado é feito precisamente como nós queremos que ele seja feito, e como sempre, queremos coisas diferentes”.¹³ Esta é uma afirmação extremamente “schleiermacheriana”. É verdade que a linguagem é dinâmica. No entanto, a parte “perdida” não acontece entre o autor e o texto, como Schleiermacher claramente infere, mas sim entre o leitor e o texto. Mesmo assim, o que se perde como resultado da

9 HIRSCH, E. D. *Validity in interpretation*. New Haven e Londres: Yale University Press, 1967, p. viii.

10 OSBORNE, Genre criticism: *sensus litteralis*, p. 9.

11 HODGSON, Peter C.; KING, Robert H. *Readings in Christian theology*. Minneapolis: Fortress Press, 1985, p. 103.

12 ECO, Umberto. *The limits of interpretation*. Indianapolis: Indiana University Press, 1990, p. 2.

13 SULEIMAN, Susan R.; CROSMAN, Inge. *The reader in the text: essays on audience and interpretation*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1980, p. 164.





falha e falibilidade do intérprete não impede o entendimento correto do texto. É por causa dessa falha analítica realisticamente possível do intérprete que a *Confissão de Fé de Westminster* sustenta que

na Escritura não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes a todos; contudo, as coisas que precisam ser obedecidas, cridas e observadas para a salvação, em um ou outro passo da Escritura são tão claramente expostas e explicadas, que não só os doutos, mas ainda os indoutos, no devido uso dos meios ordinários, podem alcançar uma suficiente compreensão delas.¹⁴

Na verdade, a posição de Schleiermacher se apresenta como um meio-termo entre as pressuposições A e B. Alguma coisa que “honre” o autor e o intérprete. Ele define hermenêutica como uma arte ao invés de uma ciência porque “o seu sucesso é baseado na habilidade do intérprete de reconstruir a individualidade do autor”.¹⁵ Para ele, “a hermenêutica é a arte de compreender corretamente a fala do outro”.¹⁶ Ele diz que “o autor individual sempre deve ser considerado o *herdeiro* de uma determinada linguagem, gramática, vocabulário e certas formas literárias. A linguagem do autor é um momento-vital espiritual decisivo que ilumina toda a sua identidade”.¹⁷ No entanto, por outro lado, o autor está acorrentado à sua limitação em expressar pensamentos para os quais a sua linguagem não oferece ocasião. *O intérprete precisa estar consciente disso e assumir o controle da interpretação.* A tarefa do intérprete é compreender o texto tão bem como, e talvez *melhor do que*, o próprio autor o compreendeu. Portanto, ao procurar compreender e contextualizar o texto, Schleiermacher flutua entre a importância do autor e a *supremacia* do intérprete. Ele chama a tarefa do intérprete de “divinização”.¹⁸ Vejamos o que Richard Niebuhr diz sobre o método divinizatório de Schleiermacher:

O sentimento imediato do eu não pode comunicar diretamente o seu próprio conteúdo. Ao invés disso, ele emite gestos, expressões faciais, modulação de voz, etc. Na verdade, um momento individual de sentimento na vida de alguém pode ser *semelhante* a um momento de sentimento na vida de outro, mas as unidades-de-vida fundamentais das quais resultam sentimentos específicos não podem ser comparadas conceitualmente. Portanto, embora seja possível que

¹⁴ *Confissão de Fé de Westminster*, Cap. I – Da Escritura Sagrada, seção VII.

¹⁵ NIEBUHR, Richard. Schleiermacher on language and feeling. *Theology Today*, Vol. 17, 1960, p.157.

¹⁶ *Ibid.*, p. 156.

¹⁷ *Ibid.*, p. 157.

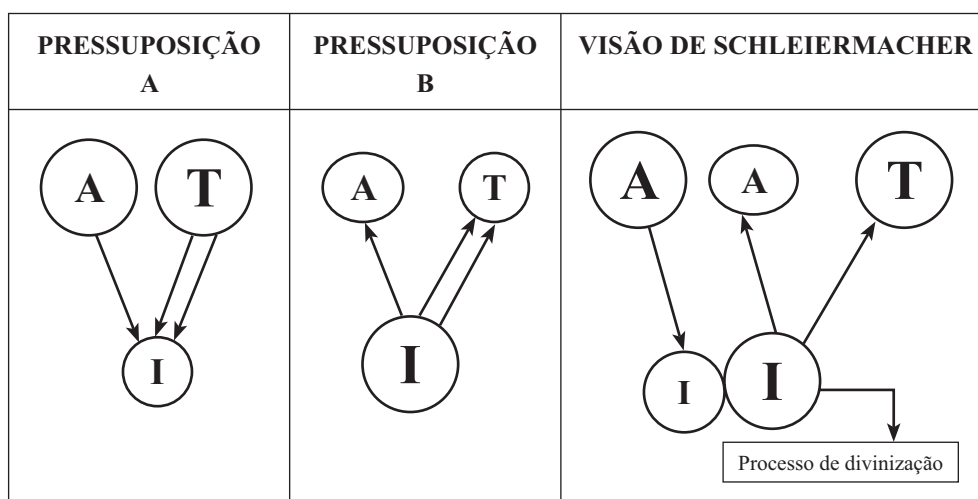
¹⁸ HELMER, Christine. *Peter Grove's Deutungen des Subjects: Schleiermachers Philosophie der Religion*. Journal Compilation. Blackwell, 2006, p. 108.



um homem complete o pensamento de outro, não é possível que um indivíduo participe de modo semelhante dos sentimentos de outro. A linguagem comunica; mas gestos, inflexões, etc. descobrem e revelam, e enquanto compreendemos o significado de uma fala, *devemos divinizar* ou construir o significado dos gestos com base na nossa autoconsciência imediata... A divinização, portanto, se apresenta como a função essencial para toda compreensão correta daquilo que os outros desejam comunicar.¹⁹

Schleiermacher continua a definir o método de divinização como aquele que procura alcançar a individualidade do autor imediatamente *ao transformar o intérprete em outro*.²⁰ Portanto, divinização é a transformação do intérprete na experiência do autor a fim de alcançar o que o autor não foi capaz de fazer. É alguma coisa como “tornar o autor grande para que o intérprete seja maior”.

Ilustremos essas três pressuposições com os seguintes gráficos:



Na pressuposição “A”, o autor-texto está indicado com letras maiores do que a letra do intérprete para indicar que o intérprete é totalmente anulado. Na pressuposição B ocorre exatamente o contrário. O intérprete, indicado com a letra maior, assume o controle do autor-texto. No entanto, na visão de Schleiermacher o autor é engrandecido até um certo momento apenas para fazer do intérprete o verdadeiro controlador do texto. Esse é o processo de divinização. A letra “T” em tamanho maior é para mostrar que o intérprete chegou a uma tamanha familiaridade com o texto que descobriu o seu significado, o qual nem mesmo o autor havia conseguido alcançar ou perceber.

A partir do que se disse até o momento, algumas questões devem ser levantadas. Primeiramente, que critério temos de usar para validar a nossa

¹⁹ NIEBUHR, *Schleiermacher on language and feeling*, p. 154.

²⁰ *Ibid.*, p. 154.

interpretação? A abordagem pós-moderna estaria correta ao afirmar que o critério é que não há critério? Basicamente porque “convicções são uma questão de contexto social... e o que é certo para alguns pode não ser certo para outros...”.²¹ Em segundo lugar, visto que estamos geográfica e culturalmente distantes do autor e o que temos é o texto, precisamos considerar a possibilidade de um sentido múltiplo no texto bíblico? Em terceiro lugar, um leitor moderno pode descobrir “novo sentido” num texto bíblico? Ou será que os textos possuem mais de um sentido mesmo que os seus autores pensassem em apenas um sentido?

A validade na interpretação só é possível quando o sentido do texto é compreendido. Assim, é necessário compreender o que o “sentido” significa. Eric Hirsch²² faz uma diferenciação importante entre sentido (*meaning*) e significado (*significance*) e argumenta que o “significado” muda para o autor, mas o “sentido” do texto não. Destacamos aqui um exemplo que ilustra essa “batalha” entre sentido e significado: a diferença entre o sentido e o significado da cor azul nos contextos brasileiro e americano. O sentido não muda. Ou seja, a cor azul é a mesma nas duas culturas (como a cor do céu, por exemplo). Mas enquanto que para o Brasil essa cor “significa” alegria (provavelmente relacionada ao clima tropical do país), para os americanos a mesma indica tristeza (provavelmente relacionada à morte). Então, se você fizer a pergunta “Como vão as coisas com você?” nas duas culturas, e receber a resposta “Está tudo azul”, para a cultura brasileira representará que tudo está bem, enquanto para a americana indicará que tudo vai mal. Um outro ponto é que, bíblicamente falando, o autor humano tem sempre o sentido literal ou histórico em mente. Mas algumas vezes ele também tem outro sentido como que olhando para o futuro. Vejamos exemplos bíblicos que mostram essa afirmação:

1. Autor humano com um sentido que mostra a experiência do salmista:

Salmo 16:	Atos 2:
8. O Senhor, tenho-o sempre à minha presença; estando ele à minha direita não serei abalado.	25. Porque a respeito dele diz Davi: Diante de mim via sempre o Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja abalado.
10. Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.	27. Porque não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.
11. Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra delícias perpetuamente.	28. Fizeste-me conhecer os caminhos da vida, encher-me-ás de alegria na tua presença.

²¹ GRENZ, Stanley J. *A primer on postmodernism*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995, p. 15

²² Hirsch, *Validity in interpretation*, p. 8.



2. O autor humano com dois sentidos, olhando para o futuro:

Salmo 110: 1. Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés.	Mateus 22: 44. Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés? 45. <i>Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu Filho?</i>
--	--

No primeiro exemplo, Davi está derramando a sua alma na presença de Deus e Pedro interpreta corretamente que o texto está na verdade relacionado com Jesus Cristo. No entanto, o apóstolo Pedro não menciona que o próprio Davi teria entendido as suas palavras com um significado futurista. Já no segundo exemplo o próprio Jesus informa que Davi previu a pessoa de Jesus em sua declaração e o chamou de Senhor.

Finalmente, como podemos obter o significado correto do texto? Ou como podemos estar certos de que o significado que obtemos é de fato o significado do autor? Também irei argumentar que a sociedade pós-moderna tem falhado na validade da interpretação de textos bíblicos porque estes são uma obra singular divino-humana. A sociedade e suas técnicas não podem alcançar a parte divina dos mesmos. Obviamente, meu argumento aqui levanta uma outra questão que também irei abordar, a saber, precisamos fazer diferenciação entre textos? Por exemplo: textos bíblicos, fábulas e novelas?

1. A ABORDAGEM PÓS-MODERNA DA INTERPRETAÇÃO VÁLIDA

O relativismo sobre valores absolutos, peculiar à filosofia pós-moderna, tem influenciado diretamente o campo da hermenêutica e encarado com profundo ceticismo o conceito de absolutos na validade na interpretação. Por exemplo, na expressão “validade na interpretação”, a palavra “interpretação” tem sido enfatizada enquanto que a palavra “validade” é minimizada, criando assim a idéia de que o conceito de “validade” é ambivalente e relativo. Para os intérpretes pós-modernos, o termo validade não deve ganhar tratamento diferenciado e especial simplesmente porque quando há uma interpretação sempre haverá a validade do pensamento do intérprete. Portanto, a expressão correta seria *intepretação válida* e não validade na interpretação.

Eric Hirsch enfatiza três ramificações pós-modernas que rejeitam tacitamente a possibilidade de uma validade na interpretação em qualquer senso normativo e absoluto da palavra. As ramificações são as seguintes. Em primeiro lugar, a teoria do historicismo, isto é, o significado de um texto literário é o que ele significa hoje. É o que Stanley Fish²³ chama de abordagem da “resposta-

23 FISH, Stanley. *Is there a text in this class? The authority of interpretive communities*. Cambridge, MA, e Londres: Harvard University Press, 1980.





do-leitor”, na qual o significado não reside no texto porque o autor o coloca lá, mas porque os leitores levam o significado para o texto. Susan Wittig argumenta em favor de uma visão parecida com a sua “teoria do significado múltiplo”,²⁴ na qual diferentes leituras de um texto, como uma parábola, por pessoas diferentes, produzem sentidos diferentes. A segunda visão é a teoria do psicologismo,²⁵ que salienta a noção de que um significado do autor muda até mesmo para ele próprio. Na verdade, afirma a teoria, nem mesmo o autor pode reproduzir o seu significado original porque nada pode trazer de volta o significado de sua experiência original. Finalmente, a terceira posição é a teoria do autonomismo, com a idéia de que os textos literários pertencem a um reino ontológico distinto no qual o significado é independente do controle do autor.

Portanto, a hermenêutica pós-moderna rechaça a visão tradicional da validade na interpretação, criando um tipo de “ensaio” de laboratório no qual *a interpretação válida sempre acontece*. Eles gostam de usar palavras como “releitura”, estudantes bíblicos “menos-profissionais”, “solidariedade de autoria”, “refocalizando”, “movendo-se além de”, etc. Tudo isso na busca de “reler a Bíblia com novos olhos”.²⁶

2. TEXTOS BÍBLICOS E TEXTOS NÃO BÍBLICOS – TEXTOS FECHADOS E TEXTOS ABERTOS²⁷

A diferença entre a intenção do autor e a interpretação do ouvinte nos filmes *À Espera de um Milagre* e *Matrix*, mencionada na introdução, nos leva a levantar algumas questões. Primeiramente, deveríamos incluir textos bíblicos e não-bíblicos na mesma categoria interpretativa? O grande expoente do escolasticismo medieval, Tomás de Aquino,²⁸ não os considerou assim. Ele afirmava que a poesia era inferior à doutrina: “*poetica non capiuntur a ratione humana propter defectus veritatis qui est in his*” (*Summa Th.* I-II.101.2 ad 2). Para ele, não há sentido espiritual em poesia profana. Em resumo, para Tomás de Aquino o texto bíblico tem ambos os sentidos – literal e espiritual (que se desdobra em três: alegórico, moral e anagógico), enquanto que a poesia tem apenas o sentido literal e uma variação do sentido literal que ele chama de “parabólico” ou “tropos ou alegorias”.²⁹ Minha intenção aqui é destacar que para compreendermos de forma completa a validade na interpretação, temos que

²⁴ OSBORNE, *Genre criticism: sensus litteralis*, p. 12.

²⁵ Ver: <http://www.philosophyprofessor.com/philosophies/psychologism.php>

²⁶ JOBLING, David. *The postmodern Bible reader*. Oxford, UK: Blackwell, 2001, p. viii.

²⁷ Não quero me aprofundar aqui no processo de categorização de textos em gêneros como parábolas, poesia e evangelho. Minha intenção é apenas diferenciar textos bíblicos e não-bíblicos.

²⁸ ECO, *The limits of interpretation*, p.15.

²⁹ *Ibid.*, p. 15.





diferenciar de forma clara os textos bíblicos dos textos seculares. Em segundo lugar, é possível chegar a um sentido totalmente diferente do sentido do autor? Umberto Eco,³⁰ com a sua teoria pós-moderna de “textos abertos e fechados”, diz “sim” e “não”. Ele diz que um texto aberto é um exemplo supremo de um dispositivo sintático-semântico-pragmático cuja *interpretação pressuposta* é uma parte de seu processo produtivo.³¹ Em outras palavras, na essência da existência do texto a função do leitor é prevista. Ele continua dizendo: “Você não pode usar o texto como você quer, mas apenas como o texto quer que você o use. Um texto aberto não permite qualquer interpretação”.³² Por outro lado, em um “texto fechado” o autor tem em mente uma média de ouvintes relacionados a um contexto social. Em consequência disso, tais textos podem ser lidos de várias formas, cada uma delas sendo independente das demais.³³

Em suma, um texto aberto, no qual o autor leva em consideração o intérprete, não permite a esse intérprete nenhum tipo de interpretação pessoal. Por outro lado, um texto fechado, no qual o autor não pensa na individualidade do intérprete, dá ao leitor a liberdade de interpretá-lo conforme o seu ponto de vista. Para Eco, a Bíblia se encaixaria neste segundo tipo de texto. Parece-nos simplesmente um jogo de palavras, mas uma frase conclusiva seria a seguinte: *um texto aberto tem uma interpretação fechada enquanto que um texto fechado tem uma interpretação aberta.*

Obviamente Umberto Eco joga com as palavras e tenta validar a sua pressuposição de que o intérprete tem controle sobre o texto. Porém, ainda que ele tivesse razão com essa teoria, teríamos que concluir que, visto que a Escritura é um trabalho de dois autores – divino e humano – ela não permite ao intérprete “jogar” com o texto a fim de encontrar a sua própria interpretação. O sentido (ou sentidos) do texto já está lá, quer interpretemos a Escritura com três sentidos (interpretação patrística) ou quatro sentidos (interpretação escolástica), quer a interpretemos com os sentidos literal e tipológico-gramatical de Lutero e Calvino ou com os sentidos literal e espiritual de Tomás de Aquino. É um texto aberto no qual o “autor” conheceu previamente a sua audiência.³⁴

³⁰ ECO, Umberto. *The role of the reader: explorations in the semiotics of texts*. Bloomington: Indiana University Press, 1979.

³¹ *Ibid.*, p. 3.

³² *Ibid.*, p. 9.

³³ Umberto Eco vai muito além do que quero enfatizar porque ele diz que de alguma forma o texto não só pode ser interpretado livremente, mas também gerado cooperativamente pelo intérprete (p. 3). A sua teoria de textos abertos e fechados é extremamente pós-modernista.

³⁴ Uma outra questão se levanta aqui: Apesar de a Escritura não nos permitir “jogar” com o texto, é possível aplicar tal texto fora de seu contexto? Por exemplo: as palavras de Rute a Noemi em Rute 1:16 tem sido muito usadas em cerimônias de casamento: “Aonde quer que fores, irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus”. Entendo que neste caso, como intérpretes, precisamos no mínimo ser fiéis à nossa audiência e deixar isso claro para ela.





3. CRITÉRIOS DE INTERPRETAÇÃO

Neste ponto é necessário enumerar alguns critérios de interpretação em três diferentes direções, a fim de podermos compreender a sua validade: autor, texto e intérprete. Tenhamos em mente os elementos do título deste artigo, porque eles estão numa relação cíclica e isolá-los um do outro implicaria em retalhar o sentido (o sentido original) em prol do significado (o sentido do intérprete).

3.1 *Crítérios para medir a autoria bíblica*

O autor bíblico (o autor humano) é alguém que viveu histórica, contextual e completamente uma vida humana. Ele é alguém que sabia que estava fazendo alguma coisa muito grande, mas não percebeu que o que estava fazendo era maior do que ele mesmo (com exceção dos profetas, que sabiam que estavam recebendo uma revelação direta de Deus). Assim essa revelação (ou inspiração) do texto foi uma revelação completa da parte de Deus, apesar de estar limitada (ou presa) à própria experiência de vida do autor humano, com o seu passado e o seu presente. Diante da soberania e onisciência divina e da limitação humana, quatro critérios precisam ser levados em consideração. Primeiro, o relacionamento do autor com a sua própria audiência: o que temos é o texto por si só. Visto que estamos distantes dos autores, não podemos pedir a eles para nos dizerem como compreenderam a mensagem. Assim, a melhor forma (e talvez a única) para fazermos isso é examinar o contexto em que eles viveram para entender a sua perspectiva de vida (condições gerais de vida e circunstâncias do dia-a-dia).

Em segundo lugar, deve-se levar em consideração a vida contextual do autor como um paradigma importante – mas não essencial – *experiência é estática e linguagem é dinâmica*.³⁵ Visto que os autores e suas audiências estão no passado, o que temos é o testemunho (bíblico e extrabíblico) sobre eles. Portanto, apesar do fato de que podemos tomar em consideração esse relacionamento – autor e audiência –, não podemos ir além do que temos no texto. Aqui estou me referindo, para não dizer contra-atacando, diretamente ao método de Schleiermacher de compreender o autor mais do que ele compreendeu a si mesmo e a sua mensagem. Em terceiro lugar, precisamos considerar a visão revelacional limitada do autor (no texto bíblico estamos lidando com dois autores, o que será explorado na próxima seção). O autor humano viveu uma vida contextual e como tal ele teve uma revelação proporcional para a sua geração. William Klein toca nesse ponto quando diz o seguinte:

³⁵ Um evento (experiência) é estático porque é único. Não retorna novamente do ponto em que aconteceu. Em outras palavras, não acontece novamente. A linguagem é dinâmica porque fala diferentemente em situações semânticas diferentes. É dinâmica porque alcança um axioma multifacetado: palavras, gestos corporais, expressões faciais e códigos pré-estabelecidos.





É claro que, se estamos procurando o sentido pretendido pelo autor para os recipientes originais, este sentido deve ser o sentido que eles puderam compreender naquele tempo, não o sentido que nós determinaríamos baseados em nossa posição avançada de desenvolvimento histórico. Obviamente, nós temos acesso ao cânon completo das Escrituras... Não podemos impor a um autor bíblico informações que nós possuímos por causa de nosso conhecimento acumulado atual.³⁶

Em quarto lugar, precisamos definir ortodoxamente que o Espírito Santo é o autor supremo das Escrituras. Esta é a característica principal que diferencia o texto bíblico de um texto secular. No texto bíblico, estamos lidando com muitos autores e vários livros sob a instrução e influência dinâmica de um autor supremo e, portanto, com um só livro. Assim sendo, *não é possível encontrar nos textos bíblicos um significado totalmente discrepante do sentido original do Espírito Santo*.³⁷

3.2 Critérios para validar os textos bíblicos³⁸

Um “texto” (a palavra escrita) flutua entre a inércia da experiência e a dinâmica da linguagem.³⁹ Assim, algumas características escriturísticas precisam ser abordadas. Em primeiro lugar, a característica dupla do texto – supremacia e totalidade – está presente. Todo texto precisa ser analisado e compreendido em sua plenitude. A regra geral aplicada para a exegese das Escrituras na Reforma do Século 16 é que elas são claras em si mesmas (*per se evidens*) e devem portanto servir como o seu próprio intérprete (*sui ipsius interpres*). Por exemplo, Martinho Lutero expressou de forma muito clara esse sentido duplo

³⁶ KLEIN, William. *Introduction to Biblical interpretation*. Dallas: Word Publishing, 1993, p. 11. Klein dá um exemplo interessante disto. Ele diz: “Se lermos no texto bíblico informações que o autor não poderia ter, estaremos assim distorcendo o seu significado. Por exemplo: quando o escritor bíblico fala do ‘círculo da terra’ (Is 40:22), ele pode muito bem estar empregando um modelo de terra plana (isto é, como visto do trono de Deus nos céus, a terra parece um disco plano e redondo). Ouví-lo em seus termos requer de nós que resistamos à tentação de impor nossa visão científica do globo terrestre sobre o texto. Ou seja, devemos assumir que o círculo mundial sugere que o autor creu que a terra era completamente redonda. Porque nós sabemos ‘o resto da história’, precisamos fazer um esforço especial para compreender o impacto que as palavras do escritor tiveram sobre os seus ouvintes contemporâneos que não tinham o mesmo conhecimento”.

³⁷ VOELZ, James W. *What does this mean? Principles of Biblical interpretation in the post-modern world*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1995 (Adendo 11-A, p. 230-243).

³⁸ HIRSCH, *Validity in interpretation*, p. 236.

³⁹ Na minha opinião, Schleiermacher está parcialmente correto ao afirmar que “os sentimentos são perdidos neste processo”. No entanto, a parte “perdida” não acontece entre o autor e o texto, mas sim entre o intérprete e o texto. É por causa disso que a teologia reformada continua a afirmar a veracidade do texto e a fragilidade do intérprete. Nenhum intérprete tem a palavra final para advogar a sua apostolicidade sobre a interpretação. Lembremos que a interpretação católica de “apostolicidade”, em que a Igreja é autorizada a continuar a tradição infalível dos apóstolos, é equivocada.





ao cunhar o princípio de *Sola Scriptura*. Para ele, *Sola Scriptura* não era apenas o princípio segundo o qual tudo tinha que ser submetido à Palavra de Deus (supremacia), mas também que essa Escritura “é” a Palavra de Deus (totalidade). À luz disto, Eugene Klung realça que Lutero foi capaz de ver que

a Escritura não é igualmente importante em todos os lugares, isto é, há nuances de luz com relação a certas doutrinas. Mas ele permanece firme na plataforma de que a Escritura é, sem dúvida nenhuma, consistente em seus ensinamentos, e especialmente no seu enfoque. Assim, ele trabalha com um compromisso com o texto.⁴⁰

William Klein também ressalta que Lutero destacou o estudo das Escrituras através de óculos cristocêntricos e pregou que toda a Bíblia – incluindo o Antigo Testamento – ensina a respeito de Cristo.⁴¹ João Calvino enfatizou a Palavra escrita, a *illustrior forma* ou *doctrina*,⁴² e a influência direta e peremptória do Espírito Santo na vida do leitor cristão.⁴³ Essa regra geral também nos ajuda a compreender que a inspiração divina acontece nas Escrituras como um todo, ao invés de acontecimentos isolados. Por exemplo, quando a Escritura narra eventos ímpios tais como assassinatos, pecado, prostituição, etc., fica claro que os acontecimentos em si não são inspirados por Deus, mas sim o ensinamento de Deus extraído dessas passagens.

Eric Hirsch também menciona outros quatro critérios importantes. Primeiramente, o critério da legitimidade, isto é, a leitura precisa ser admissível às normas públicas da linguagem na qual o texto foi originalmente escrito. Em segundo lugar, o critério da correspondência, isto é, a leitura precisa considerar cada componente lingüístico do texto.⁴⁴ O terceiro critério é o da adequação genérica; isto é, se o texto segue as convenções de um ensaio científico, por exemplo, ele é inadequado para construir o tipo de sentido significativo encontrado numa conversa casual. Finalmente, há o critério da plausibilidade ou coerência, que é basicamente a combinação dos três critérios anteriores.

⁴⁰ KLUNG, Eugene F. Word and Scripture in Luther studies since World War II. *Trinity Journal*, vol. 5, 1983, p. 31. Parece contraditório dizer que a Escritura “é” a Palavra de Deus e, ao mesmo tempo, afirmar que ela não é igualmente importante em todas as suas partes. Somente porque a Escritura é uma obra única que podemos entender essa afirmação.

⁴¹ KLEIN, William. *Introduction to Biblical interpretation*. Rev. & expanded. Nashville: Thomas Nelson, 2003, p. 47.

⁴² BRUNNER, Emil. *The divine imperative*. Trad. Olive Wyon. Filadélfia: Westminster, 1947, p. 528.

⁴³ CALVIN, John. *Institutes of the Christian Religion*. John T. McNeill (org.). The Westminster Press, VII.2, Vol. 1, p. 75.

⁴⁴ O sentido das palavras não pode ser testado apenas gramaticalmente, mas também cultural e contextualmente.



3.3 Critérios para o intérprete das Escrituras⁴⁵

O intérprete, como o autor, é uma figura histórica que vive num contexto cheio de qualidades e fraquezas. William Klein⁴⁶ esboça quatro evidências relacionadas ao intérprete do texto bíblico que devemos levar em consideração. Primeiro, as limitações humanas do intérprete. Devemos reconhecer os fatores inevitáveis dos preconceitos e paroquialismos humanos – pecado e depravação – e a nossa tendência de livrarmos a nós mesmos e culparmos os outros. Segundo, o julgamento do intérprete afetado pela sua experiência pessoal de vida. Devemos considerar todos os fatores – de gênero, raciais, políticos, econômicos e religiosos – que condicionam o nosso pensamento. Esses fatores mostram que nenhum intérprete individual está numa posição de julgar corretamente em todo o tempo. Em terceiro lugar, devemos considerar a regra de fé. Esse critério nos obriga a refletir se a compreensão proposta para um texto é funcional na vida dos crentes. É claro que esse critério sozinho não pode garantir a exatidão de uma interpretação, pois a história da igreja demonstra de forma clara que compreensões equivocadas também podem ser colocadas em prática. Todavia, devido à natureza da Escritura, compreensões corretas têm que funcionar. Assim sendo, esse teste pode ajudar a validá-las. James Voelz concorda com isso. Falando a respeito da necessidade da congruência entre o “texto pessoal” do intérprete e o “texto pessoal” do autor, ele afirma a regra da *fides qua*. Ele diz: “É preciso aceitar a fé... Um crente está envolvido. E apenas ele pode ler e ler corretamente... É necessário ser cristão para compreender corretamente as Sagradas Escrituras”.⁴⁷ Em quarto lugar, o intérprete precisa estar seguro do discernimento da comunidade dos crentes para checar as suas próprias conclusões. Willard Swartley diz:

A comunidade, quer a congregação local quer a igreja como corpo institucional, avalia a coerência da interpretação com os princípios centrais de seus credos tradicionais, seu relacionamento mais amplo com as crenças cristãs ou a forma pela qual a interpretação concorda ou difere de como a comunidade discerne que o Espírito está se movendo.⁴⁸

Devemos também considerar a obra do Espírito Santo como o instrutor supremo. O Espírito Santo não é apenas aquele que inspirou os autores bíblicos,

⁴⁵ KLUNG, *Word and Scripture in Luther studies since World War II*, p. 146.

⁴⁶ O que Schleiermacher faz com o autor, ao afirmar que ele não pode expressar pensamentos para os quais a sua linguagem não oferece ocasião (ver Niebuhr, p. 156), Klein faz com o intérprete ao enfatizar a sua incapacidade de compreender o autor de forma completa.

⁴⁷ VOELZ, *What does this mean? Principles of Biblical interpretation in the post-modern world*, p. 223-223.

⁴⁸ SWARTLEY, Willard M. *Slavery, Sabbath, war and women: case issues in Biblical interpretation*. Scottdale, Pennsylvania: Herald Press, 1983, p. 223.



mas também é aquele que ilumina o intérprete para compreender o texto de forma completa. Voelz chama esse princípio de uma abordagem hermenêutica mais tradicional.⁴⁹ João Calvino o denomina “o testemunho interno do Espírito”, pelo qual ele ilumina o coração e a mente do intérprete para que este veja o que o texto realmente diz.⁵⁰ Um belo exemplo disso é o acontecimento narrado em Atos 16:14: “Certa mulher chamada Lídia... nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às cousas que Paulo dizia”. Assim, o Espírito influencia significativa e ativamente não apenas a validação do processo, mas também o processo interpretativo.

3.4 O encontro do autor, do texto e do intérprete: Validade na Interpretação

A validade na interpretação faz sentido apenas quando temos em mente de forma muito clara que o autor, o texto e o intérprete estão trabalhando em conjunto. E esse processo cíclico acontece apenas quando eles possuem o mesmo objetivo. William Klein diz que a “comunicação tem êxito apenas quando o sentido recebido corresponde ao sentido transmitido”.⁵¹ Grant Osborne afirma que “compreensão e sentido são possíveis e são objetivos legítimos da tarefa hermenêutica”.⁵² Portanto, o objetivo do que envia a mensagem é revelar a si mesmo explícita ou implicitamente, de tal forma que o que recebe a mensagem se torne capaz de entender essa mensagem, e o objetivo do que recebe é então descobrir a mensagem do texto. Klein insiste que a principal idéia de se desenvolver um arsenal de métodos interpretativos e habilidades apropriadas é que nós somos *ouvintes* ou receptores de uma mensagem. Nós não criamos a mensagem, mas sim procuramos descobrir o que já está lá, quer tenha sido feito de modo consciente ou inconsciente pelo autor ou editor.⁵³ Esta mensagem que já está lá é pertinente para nós porque “aquele” que a originou (que inspirou-revelou ao autor humano) é o mesmo que ilumina o intérprete.

CONCLUSÃO

Não obstante toda a artilharia pós-moderna da abordagem hermenêutica que tenta demolir o edifício histórico e confessional da validade na interpretação e criar uma interpretação válida para relativizar a verdade e encontrar respostas sem mudança e sem preço que alcancem os questionamentos humanos,

⁴⁹ VOELZ, *What does this mean? Principles of Biblical interpretation in the post-modern world*, p. 223.

⁵⁰ FREI, Hans W. *The eclipse of Biblical narrative: a study in eighteenth and nineteenth century hermeneutics*. New Haven e Londres: Yale University Press, 1974, p. 34.

⁵¹ KLEIN, *Introduction to Biblical interpretation*, p.115.

⁵² OSBORNE, *Genre criticism: sensus litteralis*, p. 16.

⁵³ *Ibid.*, p. 118.





torna-se claro para nós que há um lugar imperativo e uma possibilidade real desta validade. Cinco declarações conclusivas são colocadas aqui em relação à validade na interpretação:

1) Confessionalismo e identidade

A validade na interpretação expressa e obedece a teologia cristã ortodoxa construída e costurada na história desde a Patrística até a Reforma, através de um retorno aos primórdios e de uma confrontação do medievalismo escolástico e, desde a Reforma até os nossos dias, pelas confissões reformadas e pela rejeição do Iluminismo.

2) Paradigmas e verdade

A validade na interpretação corresponde a paradigmas típicos da verdade de Deus e sua atividade claramente revelada nas seções das Escrituras interpretadas historicamente. Do ponto de vista bíblico, a validade na interpretação deve sempre obedecer ao propósito de receber e responder corretamente à Palavra de Deus. A Bíblia é a Palavra de Deus revelada e Deus requer de nós que, através da Escritura, tenhamos uma contribuição singular no processo de restauração humana. Em adição à Bíblia, Deus fala através da criação (Salmo 19) e através de nossa própria constituição (Rm 1:32). Sua palavra é verdadeiramente inescapável. No entanto, não obstante o discurso de Deus ser claro, altissonante e revelador pelos meios citados, é na Escritura, mediante a operosidade do Espírito Santo, que a comunicação de Deus ressoa com intensidade e efetividade no coração humano.

3) Soberania e operosidade

A validade na interpretação também opera na experiência crucial do cristão, validada pelo testemunho interno do Espírito, produzindo santidade e outras qualidades, bem como motivando o avanço do Reino de Deus. Portanto, qualquer interpretação que alcance a mente, mas se mantenha longe do coração, é questionável e duvidosa. William Klein⁵⁴ enumera catorze pontos a respeito da função do Espírito Santo na hermenêutica bíblica. Destacamos aqui dez deles:

- O Espírito Santo não fornece relevações novas em paralelo com as Escrituras;
- Ele não garante que as nossas interpretações sejam infalíveis, visto que a apostolicidade da igreja ficou restrita ao primeiro século;
- Ele não dá a uma pessoa novos discernimentos que ninguém mais tem;

⁵⁴ KLEIN, *Introduction to Biblical interpretation*, p. 504.





- Não-cristãos podem aplicar uma hermenêutica correta para compreender o sentido da Escritura, sem o Espírito. No entanto, eles recusarão aplicá-la adequadamente às suas próprias vidas e experiência pessoal;
- O correto entendimento não é um monopólio dos peritos bíblicos;
- A devoção espiritual por parte do intérprete é crucial;
- A falta de uma preparação espiritual pode prejudicar a correta interpretação;
- Não há substituto para o estudo diligente;
- A operosidade do Espírito na hermenêutica é uma parte fundamental do processo de iluminação;
- O Espírito Santo não faz a Bíblia toda estar igualmente clara ao intérprete.

4) Testemunho e confirmação

A validade na interpretação encontra confirmação em todo o espectro (racial, de gênero, sócio-econômico, etc.) do relacionamento dos cristãos com a comunidade de fé ortodoxa. Advogar interpretação alienada da comunidade cristã é navegar nas águas revoltas e confusas da experiência humana. Até mesmo Lutero, Calvino e Zuínglio, que foram massacrados pela teologia tridentina como inovadores perigosos na interpretação, afirmaram repetidamente o seu retorno às raízes, sua volta à patrística, sua revolução contestadora das inovações escolásticas mediante um retorno aos primórdios da fé. Além do mais, sendo a Palavra de Deus revelada, as Escrituras são oferecidas de forma acessível ao leitor. William Klein diz que

a Bíblia é compreensível; é um livro acessível. Ela apresenta a mensagem clara a qualquer um que estiver disposto a lê-la e é por isso que muitas pessoas através da história têm compreendido os seus ensinamentos.⁵⁵

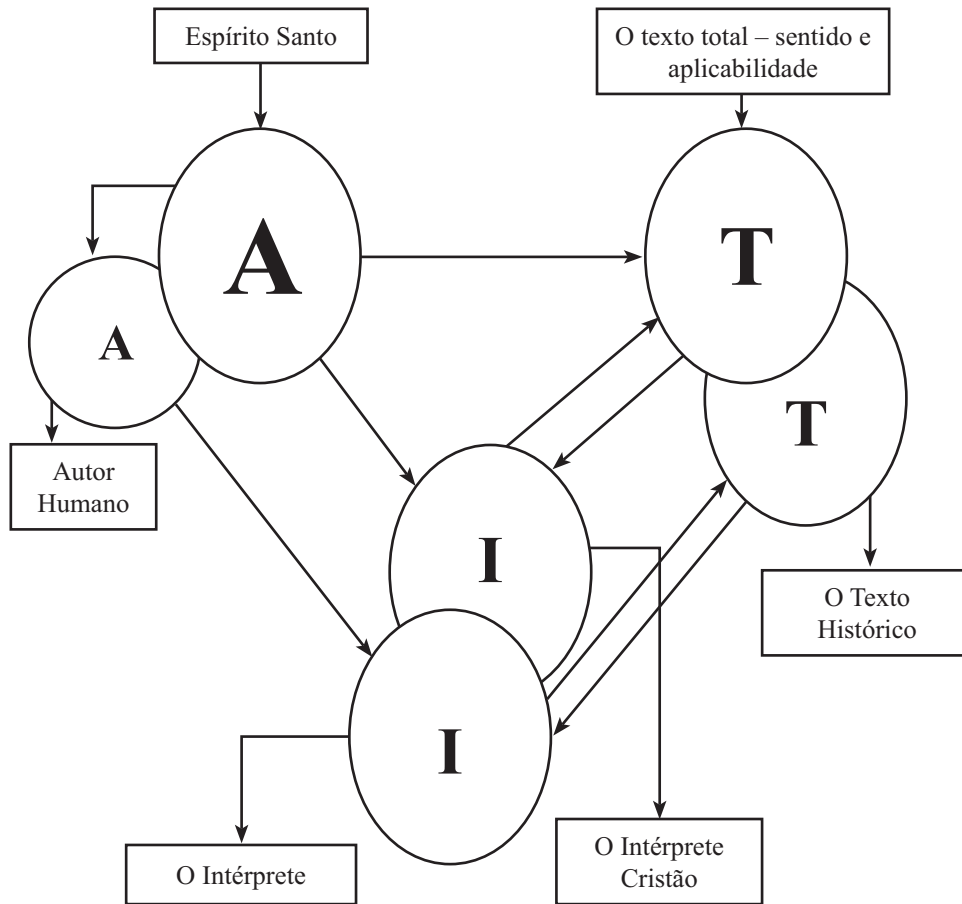
5) Dois textos, dois autores, “dois” intérpretes

No gráfico abaixo fica evidente que a validade na interpretação bíblica acontece porque há um fio de prata que costura a história. O Espírito Santo é o ponto de encontro entre o autor e o intérprete. O mesmo que inspirou-revelou ao escritor bíblico, ilumina-revela ao intérprete bíblico. Existem dois textos sobrepostos que se fundem em um único escrito, dois autores agindo e um intérprete diretamente sob a influência do autor.

⁵⁵ Ibid, p.149.



Gráfico Final da Validade na Interpretação



ABSTRACT

The present article aims to study the following question in biblical hermeneutics: Validity in the interpretation or valid interpretation? It will become clear throughout the study that these two phrases are indeed the sum of two hermeneutical platforms; namely, the Reformed platform, which honors the text by not allowing the interpreter to do what his ability and hermeneutical techniques grant him, thereby ignoring questions posed by the text itself and the author; and the post-modern platform, which gives the interpreter the supremacy in the search for the validation of his own experience with the relativity of the biblical content and truth. It is not our goal to navigate in the deep waters of hermeneutics and raise questions which may make the subject exhausting and endless. The goal is to focus the subject around the question of whether it is possible to have validity in interpretation or not. It will be mentioned, among other post-modern views, Schleiermacher's notion that seeks to honor the interpreter by promoting the nullification of the author. In this light, the differentiation between meaning and *significance* made by Erich



Hirsch is pivotal to maintain the balance in the validity in interpretation and make justice to both: author and interpreter. Finally, it is proposed that the biblical authors are in a differentiated position since Scripture is the work of two authors – divine and human – and that the “author” who revealed it is the same who inspires us to understand it. The silver cord maintains the balance of the author, the text, and the interpreter. For this platform, two scholars are used, namely, William Klein’s *Introduction to Biblical Interpretation*, and James Voelz’s *What Does This Mean? Principles of Biblical Interpretation in the Post-Modern World*. The article is concluded with five suggestions to make validity in interpretation reachable to us.

KEYWORDS

Interpretation; Scripture; Holy Spirit; Validity; Hermeneutics; Community.

